

ANEXO 4 - Tema 2018:

VIEIRA, A. Guirland; HENRIQUES, M. Rangel. **Psicologia: Reflexão e Crítica**. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722014000100018.htm>

A importância da narrativa

Psicologia: Reflexão e Crítica

Print versio ISSN 0102-7972

Psicol. Reflex. Crit. Vol. 27 no. 1 Porto Alegre Jan./Mar. 2014

<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722014000100018>

PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO/DEVELOPMENTAL PSYCHOLOGY

A construção narrativa da identidade

Narrative construction of identity

André Guirland Vieira; Margarida Rangel Henriques

Universidade do Porto, Porto, Distrito do Porto, Portugal

Palavra-chave: Narrativa

(...)

Self e Narrativa

Para Bruner (1997), os seres humanos constroem significado a partir dos sistemas simbólicos já dados na cultura. Estes sistemas simbólicos constituem uma espécie de *kit* de ferramentas que os homens utilizam para construir suas representações do mundo. A narrativa é uma dessas ferramentas: "filosoficamente falando, meu ponto de vista em relação à narrativa é construtivista – uma visão que tem como premissa que a principal função da mente é a construção do mundo, quer seja através das ciências ou das artes" (Bruner, 1987, p. 11). A ideia da narrativa como ferramenta na construção da representação do mundo parte da concepção de Kant (1781/1985) de que, enquanto o espaço é a forma de nossa experiência exterior, o tempo é a forma de nossa experiência interior. Além de Kant, Bruner toma Ricoeur (1994), quem propõe que a representação humana do tempo só pode se dar na forma de uma narrativa. A partir daí, Bruner (1987) irá postular duas teses.

A primeira tese é a seguinte: nós não temos outra maneira de descrever o tempo vivido a não ser na forma de uma narrativa. . . . Minha segunda tese é a de que a mimesis entre o que chamamos de vida e a narrativa é uma via de mão dupla: isto é, assim como a arte imita a vida, no sentido de Aristóteles, assim, como propõe Oscar Wilde, a vida imita a arte. Narrativa imita a vida, vida imita a narrativa. Vida, neste sentido, é o mesmo tipo de construção da imaginação humana do que a narrativa. Ela é construída pelos seres humanos a partir de um raciocínio ativo, através do mesmo tipo de raciocínio a partir do qual nós construímos as narrativas. (Bruner, 1987, pp. 12-13)

A representação de nossa experiência de vida é, portanto, uma narrativa, e nós utilizamos a narrativa como uma ferramenta, a fim de organizar nosso contato com o mundo em termos de uma experiência inteligível.

O coração do meu argumento é o seguinte: eventualmente os processos linguísticos e cognitivos moldados culturalmente que guiam a autoprodução das narrativas de vida assumem o poder de estruturar a experiência perceptiva, de organizar a memória, de segmentar ou unir os diversos eventos de uma vida. No final, nós nos tornamos as narrativas autobiográficas através das quais nós contamos nossas vidas. E dado à conformação cultural a qual eu referi, nós também nos tornamos variantes das formas culturais canônicas. (Bruner, 1987, p. 15)

(...) o indivíduo constrói narrativas sobre si mesmo a partir de narrativas culturalmente dadas: tragédias, comédias, novelas, romances ou *bildungsroman*, nas quais ele assume o lugar de protagonista em um processo de autoconstrução. Essas narrativas possuem, portanto, uma função organizadora do *self*. A vida também imita a arte.

(...)

A Personalidade é Construída Historicamente: Narrativas de Vida e Identidade Narrativa

(...)

McAdams (1985, 2001) toma como ponto de partida a proposição de Erikson (1968) de que o desenvolvimento de uma história de vida é um marco no processo de aquisição de uma identidade psicossocial madura. A adolescência seria o momento do desenvolvimento humano no qual convergem as habilidades cognitivas construídas ao longo da infância para produzir uma narrativa autobiográfica coerente (Fivush, 2008; Fivush & Baker-Ward, 2005; Fivush & Buckner, 1998; Fivush & Haden, 2003) e as demandas socioculturais para um posicionamento dentro da sociedade (Erikson, 1968; Habermas, 2007; Habermas & Bluck, 2000), as quais culminam na necessidade e na possibilidade de construção de uma identidade socioculturalmente situada. Segundo McAdams (1985, 2001) essa identidade organiza-se na forma de uma história de vida. Na adolescência as pessoas, em nossa sociedade moderna, iniciam um processo de revisão do passado, compreensão do presente e planificação do futuro a partir da elaboração de narrativas autobiográficas, as quais têm uma função de construir um mínimo de unidade e propósito a suas próprias vidas e ao mundo. As histórias de vida são coconstruídas com as pessoas que a cercam, bem como com o contexto sociocultural no qual elas vivem. Essas histórias situadas, para utilizar o termo cunhado por McLean, Pasupathi e Pals (2007), são não apenas o que constroem e mantêm, mas também a própria forma da identidade de seu autor. Tais narrativas têm a função de construir uma configuração integrativa do *self* no mundo adulto. Elas têm a capacidade de integrar diacronicamente os diferentes episódios e situações de vida vividas ao longo dos anos em histórias carregadas de sentido. Elas têm também a capacidade de organizar as crenças e posicionamentos diante da vida em termos de um processo de mudança e transformação: antes pensava e agia de tal modo, enquanto que hoje penso e ajo diferente. As histórias de vida têm também uma função de integração sincrônica, organizando os diferentes papéis sociais, as diversas formas de relacionamento, os sentimentos e pensamentos, de maneira que eles possam ser vistos e entendidos como partes da mesma configuração do *self*.

Segundo o modelo de McAdams (1985, 2001) a identidade não pode ser vista como sinônimo de *self*, *self-concept* "como aquele que eu sou", mas como uma qualidade

particular a partir da qual as pessoas entendem a si próprias ou como uma maneira através da qual o *self* pode ser organizado ou configurado.

Na medida em que o autoentendimento de uma pessoa está integrado sincronicamente e diacronicamente, de modo que ela possa se situar de maneira significativa em algum nicho psicossocial e possa prover sua vida com algum grau de unidade e propósito, esta pessoa tem identidade. (McAdams, 2001, p. 102)

Identidade não é, portanto, algo que emerge na adolescência de maneira acabada, mas está sempre sendo construída e reconstruída. Ela pode ser entendida como uma narrativa aberta, nunca totalmente concluída, ou como uma antologia de histórias mais ou menos integradas e coerentes acerca da vida de uma pessoa. O caráter distintivo dessas narrativas é sua tendência à unidade e à coerência.

Segundo McAdams (2001) a identidade não é uma aquisição pessoal, mas um trabalho junto e dentro da cultura. As histórias de vida são textos psicossociais coconstruídos pelo indivíduo e pela cultura, a partir da qual ele retira um sentido para sua própria vida. As histórias de vida refletem os valores e as normas das sociedades dentro das quais elas foram construídas (Fivush, 2008; McLean et al., 2007; Pasupathi, 2001). Por outro lado, a cultura provê um menu de modelos a partir dos quais as histórias de vida e a identidade são construídas (Adler & McAdams, 2007; Fivush, 2008; Habermas, 2007). Fivush (2008) propõe que embora as narrativas dos eventos passados forneçam os tijolos para a construção da história de vida, a qual organiza esses eventos de maneira que eles possam ser avaliados e compreendidos, a forma das narrativas é culturalmente construída. Em primeiro lugar, as culturas definem o modelo de vida, quer na forma de *life scripts* (Bernsten & Rubin, 2004) ou de biografias culturalmente canônicas (Habermas & Bluck, 2000). As culturas definem os períodos do desenvolvimento humano, tais como infância, maturidade, velhice em termos dos eventos apropriados a cada um deles: educação, casamento, gravidez, etc. Esses *scripts* são atuados e incorporados pelas pessoas em atividades culturalmente mediadas, como a escola ou o trabalho (Fivush, 2008).

Exemplos desses modelos são apresentados por Delory-Momberger (2004) e McAdams (2006). McAdams observou uma progressão típica de episódios em narrativas culturalmente situadas, as quais ele definiu como *redemptive self*. Trata-se de um modelo narrativo tipicamente norte-americano encontrado desde as autobiografias puritanas até os filmes de *Hollywood*, nas quais um inocente protagonista dotado com convicções simples, porém fortes, enfrenta um mundo perigoso, vencendo desafios e adversidades com o objetivo de redimir a si mesmo e ao mundo. Em consonância com McAdams, Delory-Momberger mostra, a partir dos trabalhos de Sennett (2000), a ocorrência de uma mudança na forma das autobiografias dos norte-americanos desde 1970 até os dias de hoje. Enquanto na década de setenta as autobiografias possuíam uma linearidade orientada por uma trajetória profissional dentro de uma empresa ou instituição, hoje se modificaram, tornando-se muito mais fragmentárias. Segundo a autora, o processo de subjetivação que caracteriza a sociedade individualizada contemporânea se traduz por uma cultura heroica do sujeito, que atribui a cada um a responsabilidade pela construção de seu próprio percurso, tanto profissional como pessoal ou de sua própria identidade. "Cada indivíduo deve, no seu trabalho, lazer ou vida afetiva se comportar como um verdadeiro profissional de sua própria *performance*" (p. 4), de maneira que é exigido que ele se torne um empresário de si mesmo.

(...) Na história de vida encontram-se reunidos tanto os traços disposicionais e as características de adaptação, como os eventos singulares à trajetória de vida do sujeito e a história sociocultural na qual ele está inserido. Seguindo os passos de Giddens

(1991) e de Tomkins (1979), McAdams propõe que a história de vida passe a ser entendida como a própria identidade da pessoa. A identidade não será, portanto encontrada no comportamento, mas na narração da própria vida. Tal narrativa pode ser analisada em termos dos cenários, temas, ações, intriga, personagens, imagens, tonalidade emocional, complexidade de estrutura entre outras possibilidades.

(...)

História e linguagem são dois elementos fundamentais à construção narrativa da identidade. É através da narrativa que o sujeito dá significado a sua história e planeja suas ações futuras. A identidade, como espaço de construção do sujeito psicológico parece ser um locus privilegiado onde podemos observar o funcionamento do paradigma narrativo em termos de negociação de significados entre os acontecimentos históricos/biográficos e o modo como o sujeito os significa. A introdução da noção vygotskyana de processo articulada em uma perspectiva histórica, na qual o fenômeno psicológico só pode ser compreendido a partir de seu processo de construção histórica, pode ser aplicada à perspectiva da construção relacional da identidade narrativa (Botella, 2007) ou do *self* narrativo (Gergen & Warhuus, 2007) na investigação da relação entre realidade e linguagem, tal como problematizada pelo paradigma narrativo (Gonçalves & Gonçalves, 2007). Nesta perspectiva, cada processo tem de ser visto de forma individualizada, no sentido de que cada sujeito ocupa determinadas posições históricas ou desempenha determinados papéis ao longo de sua história, os quais se organizam em um processo de desenvolvimento que delimita o campo interpretativo de seu entendimento e define a sua versão narrativa da história de vida. Essa dialética entre indivíduo e contexto historicamente situado parece ser fundamental para a compreensão de como o sujeito constrói significados a partir da realidade vivida, principalmente se tivermos em consideração que essa construção se dá no entrelaçamento de diferentes posições do *self* em diferentes cenários e em uma antologia de histórias de vida que se complementam na organização de uma identidade.

Referências

- Adler, J. M., & McAdams, D. P. (2007). Time culture, and stories of the self. *Psychological Inquiry*, 18(2), 97-128.
- Bakhtin, M. (1973). *Problems of Dostoevsky poetics*. Ann Arbor, MI: Ardis.
- Bernsten, D., & Rubin, D. C. (2004). Cultural life scripts structure recall from autobiographical memory. *Memory & Cognition*, 32, 27-42.
- Botella, L. (2007). Diálogo, relações e mudança: Uma aproximação discursiva à psicoterapia construtivista. In M. M. Gonçalves & Ó. F. Gonçalves (Eds.), *Psicoterapia, discurso e narrativa: A construção conversacional da mudança* (pp. 93-124). Coimbra, Portugal: Quarteto.
- Brockmeier, J., & Harré, R. (2003). Narrativas: Problemas e promessas de um paradigma alternativo. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 16(3), 525-535.
- Bruner, J. (1987). Life as narrative. *Social Research*, 54(1), 11-32.
- Bruner, J. (1997). *Atos de significação*. Porto Alegre, RS: Artes Médicas.
- Delory-Momberger, C. (2004). Biographie, socialisation, formation: comment les individus deviennent-ils des individus? *L'orientation Scolaire et Professionnelle*, 33(4), 2-17.
- Erikson, E. H. (1968). *Youth and identity*. New York: Norton.
- Fivush, R. (2008). Remembering and reminiscing: How individual lives are constructed in family narratives. *Memory Studies*, 1(1), 49-58.
- Fivush, R., & Baker-Ward, L. (2005). The search for meaning: Developmental perspectives on internal state language in autobiographical memory. *Journal of Cognition and Development*, 6(4), 455-462.

- Fivush, R., & Buckner, J. P. (1998). Gender and self in children's autobiographical narratives. *Applied Cognitive Psychology, 12*, 407-429.
- Fivush, R., & Haden, C. A. (2003). *Autobiographical memory and the construction of a narrative self: Developmental and cultural perspectives*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum.
- Gergen, K., & Warhuus, L. (2007). Terapia como construção social: Características, reflexões e evoluções. In M. M. Gonçalves & Ó. F. Gonçalves (Eds.), *Psicoterapia, discurso e narrativa: A construção conversacional da mudança* (pp. 29-65). Coimbra, Portugal: Quarteto.
- Giddens, A. (1991). *Modernity and self-identity*. Stanford, CA: Stanford University Press.
- Gonçalves, M., & Gonçalves, Ó. (2007). A psicoterapia como construção conversacional. In M. M. Gonçalves & Ó. F. Gonçalves (Eds.), *Psicoterapia, discurso e narrativa: A construção conversacional da mudança* (pp. 11-28). Coimbra, Portugal: Quarteto.
- Habermas, T. (2007). How to tell a life: The development of the cultural concept of biography. *Journal of Cognition and Development, 8*(1), 1-31.
- Habermas, T., & Bluck, S. (2000). Getting a life: The emergence of the life story in adolescence. *Psychological Bulletin, 126*(5), 748-769.
- Habermas, T., Ehler-Lerche, S., & de Silveira, C. (2009). The development of the temporal macrostructure of life narratives across adolescence: Beginnings, linear narrative form, and endings. *Journal of Personality, 77*(2), 527-559.
- Hermans, H. (2001). The dialogical self: Toward a theory of personal and cultural positioning. *Culture & Psychology, 7*(3), 243-281.
- Hermans, H. J. M. (2008). How to perform research on the basis of dialogical self theory? introduction to special issue. *Journal of Constructivist Psychology, 21*, 185-199.
- Hermans, H. J. M., & Kempen, H. J. G. (1993). Imaginal dialogues in the self: Theory and method. *Journal of Personality, 61*(2), 207-236.
- Hooker, K. & McAdams, D. P. (2003). Personality reconsidered: A new agenda for aging research. *Journal of Gerontology: Psychological Sciences, 58*(6), 296-304.
- James, W. (1890). *The principles of psychology* (Vol. 1). London: Macmillan.
- Jung, C. G. (1995). *Estudos experimentais*. Petrópolis, RJ: Vozes. (Original publicado em 1909)
- Kant, I. (1985). *Crítica da razão pura*. Lisboa, Portugal: Gulbenkian. (Original publicado em 1781)
- Markus, H., & Wurf, E. (1987). The dynamic self concept: A social psychological perspective. *Annual Review of Psychology, 38*, 299-337.
- Martindale, C. (1980). Subselves: The internal representation of situational and personal dispositions. In L. Wheeler (Ed.), *Review of personality and social psychology* (pp. 193-218). Beverly Hills, CA: Sage.
- McAdams, D. P. (1985). *Power, intimacy and the life story: Personal inquiries into identity*. New York: Guilford Press.
- McAdams, D. P. (1993). *The stories we live by: Personal myths and the making of the self*. New York: The Guilford Press.
- McAdams, D. P. (2001). The psychology of life stories. *Review of General Psychology, 5*(2), 100-122.
- McAdams, D. P. (2004). The redemptive self: narrative identity in America today. In D. R. Beike, J. M. Lampien, & D. A. Behrend (Eds.), *The self and memory* (pp. 95-115). New York: Psychology Press.
- McAdams, D. P. (2005). What psychobiographers might learn from personality psychology. In W. T. Schultz (Ed.), *Handbook of psychobiography* (pp. 64-83). Oxford, UK: Oxford University Press.
- McAdams, D. P. (2006). The redemptive self: Generativity and the stories Americans live by. *Research in Human Development, 3*(2), 81-100.
- McLean, K. C., Pasupathi, M., & Pals, J. L. (2007). Selves creating stories creating selves: A process model of self-development. *Personality and Social Review, 11*, 262-278.
- Mead, G. H. (1934). *Mind, self and society*. Chicago, IL: University of Chicago Press.
- Murray, H. A. (1938). *Explorations in personality*. New York: Oxford University Press.
- Pasupathi, M. (2001). The social construction of the personal past and its implications for adult development. *Psychological Bulletin, 127*(5), 651-672.
- Ricoeur, P. (1994). *Tempo e narrativa*. Campinas, SP: Papirus.

Salgado, J., & Hermans, H. (2005). The return of subjectivity: From a multiplicity of selves to the dialogical self. *E- Journal of Applied Psychology: Clinical Section*, 1(1), 3-13.

Sennett, R. (2000). *Le travail sans qualités: les conséquences humaines de la flexibilité*. Paris, France: Albin Michel.

Tomkins, S. S. (1979). Script theory. In H. E. Howe Jr. & R. A. Dienstbier (Eds.), *Nebraska symposium on motivation* (pp. 201-236). Lincoln, NE: University of Nebraska Press.

Valsiner, J. (1989). *Human development and culture: The social nature of personality and its study*. Lexington, MA: Lexington Books.

Valsiner, J. (2002). Forms of dialogical relations and semiotic autoregulation within the self. *Theory and Psychology*, 12(2), 251-265.

Vygotsky, L. S. (1991). *A formação social da mente*. São Paulo, SP: Martins Fontes.

Vygotsky, L. S. (2000). Lev S. Vigotski: Manuscrito de 1929. *Educação & Sociedade*, 71, 21-44. (Original publicado em 1929)

Wertsch, J. V., Del Rio, P., & Álvarez, A. (1995). *Sociocultural studies of mind*. New York: Cambridge University Press.

Wittgenstein, L. (1991). *Investigações filosóficas*. São Paulo, SP: Nova Cultural.